

Para o Estado da Arte: Investigação em Teses Sobre História e Identidades Profissional e Negra no Jornalismo¹

Letícia Conceição Martins CARDOSO²

Doutora

Roseane Arcanjo PINHEIRO³

Doutora

Welbert de Sousa QUEIROZ⁴

Mestrando

Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, MA

Resumo

Este artigo apresenta um panorama da produção científica sobre as identidades profissional e negra na história do jornalismo em teses de doutorado. Por ser um tema ainda pouco explorado em sua completude, analisamos separadamente os dois núcleos do tema que são as identidades profissional e negra. A partir dessas palavras-chave de referência, foram compiladas teses lançadas nas bases de buscas da CAPES, Scielo e Google Acadêmico no período de (2005-2020). No total de 10 trabalhos, verificam-se a tendência de maior quantidade de pesquisas sobre identidade profissional no jornalismo e escassez de pesquisas sobre a identidade negra desses profissionais.

Palavras- Chave

História do Jornalismo; Jornalismo; Identidade Negra; Identidade Profissional.

1 Introdução

O presente trabalho objetiva fazer um panorama sobre os estudos das identidades profissional e negra no jornalismo, refletindo sobre as identidades dos jornalistas negros e compreender o processo de construção identidade profissional desses jornalistas negros. Para isso utilizamos as bases acadêmica para levantar publicações que tratam desse tema.

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutora em Comunicação pela PUCRS, Professora adjunta do Curso de Jornalismo, mestre em Ciências Sociais pela UFMA, especialista em Jornalismo Cultural, graduada em Comunicação Social-Jornalismo e Letras, desenvolve pesquisas sobre os seguintes temas: metodologias de pesquisa em comunicação, estudos culturais, cultura popular, mídia e política no Maranhão.

³ Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora adjunta do Curso de Jornalismo da UFMA e do Mestrado em Comunicação (PPGCOM), UFMA campus Imperatriz. É jornalista formada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: roseane.ap@ufma.br

⁴ Mestrando em Comunicação (PPGCOM/UFMA), pós-graduado em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional (UFMA), pós-graduado em Docência do Ensino Superior (IESF) e Jornalista graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UFMA). E-mail: welbert.qz@gmail.com

Analisamos as pesquisas publicadas em repositórios de referência, sobre a identidade profissional do jornalista negro. Por se tratar de um tema ainda pouco explorado em sua completude, analisamos separadamente os dois núcleos do tema que são as identidades negra e profissional no jornalismo. A proposta é construir um panorama sobre os estudos de identidade, investigando quais são as principais questões levantadas pelos pesquisadores acerca do tema. O levantamento é feito como parte dos estudos e embasamento teórico da dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz.

Dessa forma, poderemos aprender, através das reflexões teóricas presentes nas produções acadêmicas, desde o “que é ser negro” até aspectos sociais, históricos, culturais, escolares, de gênero e de classe que permitem definir as identidades do jornalista negro e os desafios enfrentados por esses profissionais.

Para atingir o objetivo desta pesquisa organizamos um panorama dos trabalhos desenvolvidos acerca das identidades profissional e negra no jornalismo, realizamos uma busca nos repositórios: CAPES⁵, Scielo⁶ e Google Acadêmico⁷ no período de (2005-2020).

Conforme Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica como mitologia de pesquisa é um ponto de partida que requer uma organização sistematizada para levantamento de dados e possíveis correlações intertextuais ao que se propõe.

A pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; redação (...). As fontes para a escolha do assunto podem originar-se da experiência pessoal ou profissional, de estudos e leituras, da observação, da descoberta de discrepâncias entre trabalhos ou da analogia com temas de estudo de outras disciplinas ou áreas científicas. (LAKARTOS, 2003, p.27).

Todos os trabalhos aqui analisados estão disponibilizados de forma online e acesso público. Entre as teses, percorremos o caminho da identificação do título dos trabalhos que relacionados à temática das identidades profissional e negra no jornalismo.

Nesse primeiro momento, por se tratar de um tema complexo, principalmente quando se fala em Identidade Negra no Jornalismo, percebemos que há poucos trabalhos que trabalham essa temática em conjunto. Percorremos assim, o caminho da identificação do título dos trabalhos que se aproximavam da temática identidades profissional e negra no jornalismo em conjunto. Nesse primeiro momento de busca foram selecionados 10 trabalhos

⁵ Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?>>

⁶ Disponível em: <<https://www.scielo.br/>>

⁷ Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>>

de um total de 52 trabalhos. A seleção dos 10 trabalhos deu-se a partir das observações das temáticas em conjunto e de interesse proposta pela pesquisa, os demais 42 trabalhos não tratavam especificamente sobre identidades, continham apenas palavras citadas em algum momento no corpo do texto. Desses 10 trabalhos, 9 tratam da temática Identidade Profissional jornalística e apenas em 1 encontramos a temática relacionada à Identidade Negra no Jornalismo.

“Nos últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas com de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder em que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários.” (FERREIRA, 2002, p. 258)

A tabela a seguir mostra o panorama levantado e ilustra a forte tendência nos estudos de Identidade Profissional do Jornalismo. Expõe ainda o levantamento de teses utilizadas na construção e conceituação dos conteúdos que nos levam a compreender um pouco mais sobre as Identidades Negra e Profissional no Jornalismo:

Tabela 1 – levantamento de teses sobre identidade profissional de negra no jornalismo

AUTOR	OBRA	ANO
Thales Vilela Lelo	Reestruturações Produtivas No Mundo Do Trabalho Dos Jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional	2019
Isabel Cristina Clavelin da Rosa	Parresiae Hermenêutica De Profundidade Nas Trilhas De Hermes: raça e gênero em formas simbólicas sobre o jornalismo como profissão no brasil	2016
Luciane Fassarella Agnez	Identidade Profissional No Jornalismo Brasileiro:A Carreira Dos Correspondentes Internacionais	2014
Sheila Mendes Accioly	Somos Quem Podemos Ser –Agonística E Identidade Do Jornalista Contemporâneo	2014
Fernanda Lima Lopes	Jornalista Por Canudo: O Diploma E O Curso Superior Na Construção Da Identidade Jornalística	2012
Fábio Henrique Pereira	Os Jornalistas-Intelectuais No Brasil: Identidade, Práticas E Transformações No Mundo Social	2008
Fernanda Rios Petrarca	“O Jornalismo Como Profissão”: Recursos Sociais, Titulação Acadêmica E Inserção Profissional Dos Jornalistas No Rio Grande Do Sul	2007
Joaquim Manuel Martins Fidalgo	O Lugar da Ética e da Auto-Regulação na Identidade Profissional dos Jornalistas	2006
Ângela Cristina Trevisan Felippi	Jornalismo E Identidade Cultural Construção Da Identidade Gaúcha Em Zero Hora	2006

Jauranice Rodrigues Cavalcanti	No “Mundo Dos Jornalistas”: Interdiscursividade, Identidade, Ethos E Gêneros.	2006
--------------------------------	---	------

FONTE: tabela elaborada pelo autor

A pesquisa exclusivamente conceitual do tema “identidade profissional e negra no jornalismo” não se mostrou eficaz, por esse motivo, decidimos pesquisar o tema subdividido em seus dois núcleos conceituais que foram a “identidade profissional no jornalismo” e a “identidade negra no jornalismo”, assim podemos filtrar através da leituras dos resumos e introdução dos trabalhos, aqueles que estariam em algum aspecto em plena conceituação com o tema proposto por esta pesquisa.

2 Perspectivas Históricas: jornalismo, identidade negra e profissional

O Jornalismo (Imprensa) no Brasil existe desde a chegada da família real portuguesa, em 1808. Dentre os primeiros periódicos circulados no país podemos citar “Imprensa Régia”, “A Gazeta do Rio de Janeiro”, e “O Correio Braziliense”. Desde esse período é possível perceber a luta contra o racismo e questões relacionadas à identidade negra no Brasil, entretanto só em 1910 – um século depois – é que se desenvolve o que conhecemos como “Imprensa Negra” no Brasil.

“Na chamada Imprensa Negra, que se desenvolveu a partir de meados dos anos 1910, a luta contra o preconceito racial passava pela construção de uma memória histórica específica, a de que o Brasil e sua única “raça” – a “raça mestiça” – formara-se com base no “cruzamento” de três “raças” originais: a indígena, a branca e a negra. O reconhecimento da emergência no Brasil de um povo mestiço singular, sem fenótipo e traços raciais definidos, atestava por si só o absurdo da hierarquia racista implícita nas práticas sociais”. (AZEVEDO, 2018, p.167).

Celia Maria Marinho de Azevedo (2018) evidencia ainda em “A luta contra o racismo e a questão da identidade negra no Brasil” que um movimento vigoroso de denúncia do racismo irromperia na cena pública numa demonstração de que, se havia algo de excepcional, era justamente o grande mito da democracia racial brasileira. Em 7 de julho de 1978, diversas entidades negras uniram-se numa manifestação pública contra o racismo nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, anunciando, ao mesmo tempo, a recém-criação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial.

Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão “identidade cultural” reivindica como sua.” (HALL, 1996, p.68).

Discutir as identidades não se limita especificamente à cor, e sim, estaria mais próxima a um aspecto de consciência de cada indivíduo. Acreditamos que a luta por essa liberdade é uma questão ainda vigente, questão essa ainda é imposta aos negros, apesar de tantas conquistas ao longo da história.

Para quem a Negritude não tem a ver com a cor da pele ou com a biologia, mas, sim, com a constituição de uma “comunidade de opressão sofrida, uma comunidade de exclusão imposta, uma comunidade de discriminação profunda” e também uma comunidade de “resistência contínua, de luta obstinada pela liberdade e de irreprimível esperança”. (AZEVEDO, 2018, p.171).

Aqui, reflete-se sobre os passos nessa luta pela busca de identidade e memória história que foi negligenciada pelo que se conhece como “História oficial” e complementa:

“Aquela escrita por historiadores da classe dominante branca que silenciava sobre o papel de resistência desempenhado pelos escravos, enquanto os representava como vítimas passivas resgatadas pelas elites ilustradas abolicionistas”. (AZEVEDO, 2018, p.175).

Assim percebemos que as distorções que foram criadas e impostas até mesmo pelo viés do conhecimento, como o autor nos mostra a história foi escrita pela classe dominante e o que ela conta é um retrato da construção e da contextualização da lógica silenciadora à negritude.

3 Jornalismo como profissão

Para darmos início aos estudos do jornalismo como profissão ou da profissão do jornalista em si, faz-se necessário compreendermos o que é o jornalismo. Em linhas gerais e práticas o jornalismo é um processo de coleta, investigação e análise de informações para a produção de texto e divulgação dos mesmos sobre a interação dos eventos, fatos ou ideias que estão em algum nível presente na sociedade e a impactam.

Considera-se o jornalismo uma instituição social formada historicamente para oferecer conteúdos que tenham características de atualidade e de relevância para um público amplo, disperso e diferenciado. Este papel é

executado porque o jornalismo conquistou uma legitimidade social para produzir uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas. (FRANCISCATO, 2003, p.2).

Considerando esse aspecto subjetivo do que é jornalismo em sua essência, não há um consenso de onde o jornalismo tenha surgido, apesar disso temos o registro de onde tenha sido mencionado pela primeira vez. “De acordo com Michael Palmer (1994:108) a palavra surgiu no início do século XVIII, no ano de 1703, mencionada pela primeira vez no Journal de Trévoux” (SANTOS, 2014, p.1).

Conforme Santos 2014 nos mostra, a palavra “*journaliste*, é a junção de duas palavras francesas, *jour*, cuja tradução corresponde a “dia” e *analyste*, que significa analista, assim a junção de ambas resultou na definição da profissão jornalista: “analista do cotidiano”. O fato é que a profissão Jornalista surgiu no século XV e sempre esteve relacionada com avanços tecnológicos como por exemplo a prensa por Gutenberg e continuou a se desenvolver com o advento das novas tecnologias.

Para além da técnica, a história das práticas jornalísticas acontece de forma processual, envolvendo diversas nuances de ordem econômica, tecnológica, política e sociocultural.

Construir uma história das práticas e representações jornalísticas implica olhar uma dimensão microssocial do jornalismo. Isso significa deslocar-se de objetos mais tradicionais, como a instituição jornalística na sua globalidade, o papel e os efeitos que o jornalismo produz nas sociedades, e investigar as artes e os métodos de trabalho, os procedimentos utilizados para execução de suas atividades, as tentativas, os erros, bem como os princípios e valores inerentes ao processo. (FRANCISCATO, 2003, p.3).

A proposta aqui, não é entrar em uma discussão aprofundada e didática sobre a história do jornalismo, mas sim correlacionarmos brevemente onde surge esse processo e como os negos estão inseridos neles. Se analisarmos um contexto pós-abolição homens e mulheres negros também se mobilizaram de diversas formas para também estarem inseridos nesse processo de e comunicação.

Se, por um lado, o surgimento do sistema de impressão criou as condições para a produção de jornais e auxiliou a caracterizar o jornalista como uma atividade de coleta e transmissão de notícias (Eisenstein, 1983: 93), ele também serviu para lançar a 'pedra fundamental' do jornalismo como instituição social. Este conjunto de transformações tecnológicas e sociais relatadas, aliadas a bases econômicas de produção e circulação de jornais e a um maior importância e influência que seus conteúdos trouxeram à vida política, fizeram com que o jornalismo ganhasse gradativamente uma corporificação social para além de mero ofício. Assim, o jornalismo cria e passa a operar com diversos laços sociais, como a periodicidade, a

simultaneidade, a identidade e a unidade entre leitores, aspectos vinculados a uma atividade social que se torna instituição. (FRANCISCATO, 2003, p.33).

No Brasil o jornalismo inicia-se de maneira tímida no século XIX, começando com o “O Correio Braziliense”, jornal sobre o Brasil editado em Londres durante o período colonial. No Império, diversos jornais começam a aparecer, porém só após anos alguns impressos se solidificaram no país.

Com a intensificação da produção de jornais e revistas já no século XX e a luta negra no combate à discriminação racial e por visibilidade, surge nesse período o que ficou conhecido como Imprensa Negra Paulista. De acordo com a coleção disponibilizada no Portal da Imprensa Negra Paulista da Universidade de São Paulo (USP) “Nas duas primeiras décadas do século XX, a maior parte dos periódicos foram elaborados por associações que atuavam como grêmios recreativos, clubes dançantes, esportivos, dramáticos, literários ou carnavalescos”.

No acervo, o jornal mais antigo é O Baluarte, editado em Campinas. Apesar da multiplicidade de iniciativas, a condição de produção dos jornais era, na maioria das vezes, precária. Por isso, a maior parte das publicações teve curta duração. Mesmo os que tiveram maior duração sofreram com descontinuidades ou tiveram edições que não foram preservadas. Dos jornais que compõem a coleção, os de maior duração foram: O Clarim d’Alvorada (1924-1932), Progresso (1928-1931), A Voz da Raça (1933-1937) e o Novo Horizonte (1946-1961).

4 Identidade Profissional

Como destacam os trabalhos de Freidson (1996) apud Agnez (2014. p.15), consideramos necessário analisar uma profissão “no contexto histórico, nacional e político de legitimação e reconhecimento enquanto uma categoria, com um mercado de trabalho a ser delimitado”.

Por isso faz-se necessário revisar as condições pelas quais o jornalismo consolidou-se no Brasil e afirma-se como profissão. “Pelas características próprias do jornalismo, trabalhamos com o conceito de “profissão de fronteira”, uma vez que a área não possui limites rígidos de acesso e controle” (AGNEZ, 2014.p.15). Isso permite conforme a autora, adaptar-se mais facilmente as transformações de caráter mercadológico ou tecnológico, incorporando novas práticas e funções.

O jornalismo profissional está diretamente vinculado à prática da reportagem com coleta e produção de notícias, apesar disso a modernidade e as novas tecnologias incorporam e alteram essa atividade constantemente, assim cada posto de trabalho possui cultura, identidades e especificidades únicas. “As identidades, no contexto social, são compreendidas enquanto um conjunto de significações que abrangem uma realidade ao mesmo tempo física e subjetiva, construída a partir do mundo de experiências dos sujeitos e resultado de sensações (consciência) sobre “si” em relação aos demais atores e ambientes externos”. (MUCCHIELLI, 2009).

De acordo com este autor, as profissões fazem parte das instâncias objetivas, históricas, materiais e verificáveis, essas são as instâncias subjetivas das profissões que esse autor nos mostra, constituindo uma identidade social.

Paralelo a isso, a reflexão acerca da identidade do profissional de comunicação (jornalista) é de extrema importância, pois a partir dessa, podemos construir um pensamento a partir das realidades desses profissionais, de sua identidade, identidade essa que influencia os contextos socioeconômicos e socioculturais de cada indivíduo.

Para Mucchielli (2009), nas Ciências Sociais a identidade sempre se refere a um “ator social” que pode ser entendido como um indivíduo ou um grupo. Assim, a identidade “é um conjunto de significações, variáveis de acordo com os atores de uma situação, que compreendem uma realidade ao mesmo tempo física e subjetiva, construída a partir de um mundo próprio de experiências e em conjunto com outros atores. Ela é uma sensação sobre si mesmo (como eu me sinto, eu me percebo) repassada aos demais atores.

A perspectiva de raça e gênero sobre o jornalismo como profissão no Brasil pode ofertar elementos que possibilitem novos aportes sobre a identidade profissional, relações de trabalho, gestão de carreira, rotinas produtivas e até mesmo relacionamento com o público. O resgate e a análise de vozes discursivas de jornalistas (PÉCHEUX, 1990; ORLANDI, 2005) podem reorganizar o debate da categoria sobre direitos trabalhistas e melhorias das condições de trabalho, tendo em vista o avanço que tais discussões trouxeram para outras atividades profissionais no meio corporativo. (ROSA, 2014. p.11)

Segundo Agnez (2014), os estudos sobre identidade cresceram essencialmente a partir da segunda metade do século XX, período no qual a sociedade tem vivenciado processos de desestabilizações individuais e coletivas, que vão desde mudanças relativas ao papel da religião e de valores morais, às formas de constituição familiar, intensificação dos fluxos migratórios e o impacto sobre a estabilidade das identidades nacionais.

Fazer parte de um grupo profissional significa dividir práticas e conhecimentos, proporcionando um reconhecimento social e uma valorização de quem são esses membros. Especialmente em relação a este ponto, Le Cam (2006) ressalta que a identidade profissional no jornalismo é resultado de uma aquisição histórica, decorrente dos processos de legitimação, e a forma identitária dos jornalistas é coletiva, ou seja, o indivíduo se define a partir da assimilação e interiorização dos valores do grupo. (AGNEZ, 2014. p.32).

A identidade é plural, envolve diferentes atores e faz leituras das identidades de si e do outro de acordo com as situações em questão. “A identidade nada mais é que o resultado, ao mesmo tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 1999. apud AGNEZ 2014, p.38).

Dubar (1999) nos mostra a identidade com um enfoque sociológico, sendo resultado de todo um processo de socialização, para ele a identidade para o “eu” não se separa da identidade para o “ele”, mas se relacionam e se constroem juntamente é algo que deriva de afirmativas e negativas sociais a partir do posicionamento dos indivíduos diante das situações do cotidiano, sendo assim, os perfis de identidade se constroem partindo de bases sociológicas já presentes na sociedade como um todo e não somente com escolhas individuais.

5 Identidade negra

Historicamente não há como iniciarmos essa abordagem do tema identidade sem destacarmos a figura brasileira da negritude: “Zumbi dos Palmares”, que nos traz um símbolo de identificação histórica do que é ser negro solvendo-se desse ator que abrange e projeta a questão identitária da negritude.

A projeção da figura mítica de Zumbi, líder do Quilombo de Palmares, no Século XVII, foi o grande elo entre passado e presente que faltava na consolidação da identidade negra; ou seja, um sentimento abrangente de negritude que parte do afeto e da admiração pelos antepassados africanos e seus descendentes escravizados no Brasil para alcançar uma unidade política entre todos os afro-brasileiros que sofrem na pele o problema do racismo. (AZEVEDO, 2018. p.176).

A perspectiva de raça no jornalismo como profissão no Brasil nos oferece realidades que possibilitam novos olhares sobre a identidade profissional. O debate e análise de vozes de jornalistas negros no debate da categoria sobre identidade nos levará compreender estes significados no qual estes atores estão inseridos.

Campo de encontro de indivíduos na busca pela sobrevivência e pela satisfação pessoal, o chamado “mundo do trabalho” tornou-se uma das principais arenas onde são travadas disputas pelo poder, produção e divisão de riquezas. A exemplo de outros espaços de convivência humana, a hierarquização e as partilhas de bens e produtos materiais e simbólicos (CARNEIRO, 2003; PINTO, 2010) são influenciadas por pertenças, entre elas as raciais, étnicas, de gênero e classe. (ROSA, 2014, p.2)

Com base nos estudos de Stuart Hall (2003) podemos citar a identidade enquanto algo em processo, permanentemente, inacabado, manifestando-se através da consciência e da diferença.

Não existe garantia, quando procuramos uma identidade racial essencializada da qual pensamos estar seguros, de que esta sempre será mutuamente libertadora e progressista em todas as outras dimensões. Entretanto, existe sim uma política pela qual vale lutar. Mas a invocação de uma experiência negra garantida por traz dela não produzirá essa política. (HALL, 2003, p.347)

O fato é que as questões raciais, como o racismo a exemplo, criam fronteiras simbólicas dificultando o pensamento e diálogo entre esse grupo que compõe a sociedade brasileira. Queremos dizer que as identidades do que é “ser negro” construídas historicamente, estão baseadas em estereótipos negativos. Hall (2003) destaca a importância do aprofundamento cultural para ultrapassarmos as barreiras preestabelecidas do conhecimento a respeito de identidades culturais e negritude. “A negritude enquanto signo nunca é suficiente. O que aquele sujeito negro faz, como ele age, como pensa politicamente... o ser negro realmente não me basta: eu quero conhecer as suas políticas culturais”. (HALL, 2003, p.347)

Com essas constantes transformações, os estudos relacionados à identidade mostram quem a noção de identidade está diretamente estruturada em meio a conceitos de “estabilidade, permanência, totalidade e singularização”.

Stuart Hall (2003, p.324) com base no pensamento de Gramsci a esse respeito, comenta que essa questão engloba formas novas e radicais de conceituar os sujeitos da ideologia, que se tornaram objeto de uma considerável teorização na contemporaneidade.

“Ele (Gramsci) recusa inteiramente qualquer ideia de um sujeito ideológico unificado e predeterminado — por exemplo, o proletário com seus pensamentos revolucionários “corretos” ou os negros com sua consciência geral antirracista já garantida. Reconhece a pluralidade dos ‘eus’ e identidades que compõem o chamado “sujeito” do pensamento. Argumenta que a natureza multifacetada da consciência não é um fenômeno individual, mas coletivo, uma consequência do relacionamento entre “o eu” e os

discursos ideológicos que compõem o terreno cultural da sociedade” (HALL, 2003, p.324).

Essa diáspora ou dispersão étnica comentada por (HALL, 1996, p.75) não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção ‘identidade’ que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. “Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença”.

As relações étnico-raciais são formadas historicamente mediante a construção de imagens e representações sociais.

“Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão “identidade cultural” reivindica como sua.” (HALL, 1996, p.68).

As representações dos grupos sociais circulam no meio social produzindo sentidos e consequências. No entanto, algumas representações ganham maior visibilidade e passam a ser consideradas como expressão da realidade social.

A dinâmica do ser negro no Brasil passa por um processo de violência física, simbólica e de silenciamento e também de não identificação. A invisibilidade do “não se fala e não se diz” torna cada vez mais necessárias iniciativas que proponham-se pesquisar a identidade do negro, estendendo-se principalmente à ideia de reconhecimento no âmbito profissional.

“Talvez, as marcas, os sentidos e os significados desses discursos, se apropriados pela academia e pela categoria, tornem mais humanas as percepções de profissionais sobre a realidade individual, a organização coletiva e a relevância social da profissão para questões de interesse de toda a sociedade”. (ROSA, 2014, p. 11).

Essa dinâmica se estende e impacta também à realidade identitária dos profissionais de comunicação (Jornalistas), realidade essa que abrange questões raciais e ideias de pertencimento:

Não existe, em qualquer redação de jornal, um só repórter negro, multado, moreno claro ou cafuzo – todos negros no sangue, embora alguns sem o menor orgulho de pertencerem à raça – que, por trás da máscara da simpatia, não tenha sido, um dia, objeto de brincadeira debochada e, acima de tudo, discriminatória, com relação à etnia, pelos colegas branquinhos” (LOPES, 1985, p.12).

Conforme o último Censo do IBGE 52% da população brasileira se autodeclara negra. É de extrema necessidade entendermos com apoio da luz acadêmica o que é ser negro, para compreendermos como essas identidades se manifestam e contribuirmos para a construção da identidade.

Na sociedade brasileira, assim como em outras, as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros. Essas representações foram construídas mediante a óptica eurocêntrica, que institui sentidos de “normalidade” e “anormalidade”, estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristão. Os indivíduos que não correspondem a esse padrão são vistos como desviantes, abjetos, e excluídos socialmente.

Considerações

Esta pesquisa inicial teve como objetivo fazer um panorama sobre os estudos das identidades profissional e negra no jornalismo. Observamos a partir dessa *pesquisa bibliográfica* que não há uma pesquisa que abranja esse tema em sua completude e percebemos como os núcleos temáticos se aproximam.

Percebemos ainda que há um crescente interesse em questões identitárias dentro do campo social e profissional do Jornalismo e ainda que este tema vem perdendo suas invisibilidades, impostas historicamente. Percebe-se também uma preocupação dos pesquisadores sobre as transformações da profissão e o despertar para a observação do aspecto identitário jornalístico.

Outro ponto a ser levantado é que nas pesquisas sobre identidade profissional nota se pouco ou quase nada a respeito do fator raça e cor quando se discute questões como a precarização da profissão e os desafios enfrentados por esses profissionais. No mais, a ideia para o “estado da arte” proposto por este trabalho, foi levantar “considerações iniciais” que possam ser norteadoras para futuros estudos, que objetivem acrescentar a temática do ser negro e compreenda que ela é um fator específico e de extrema importância quando tratamos de identidade profissional no jornalismo.

Consideramos assim um tema de grande relevância na atualidade, porém entendemos que estudos nesta área devem ter o cuidado para não priorizar uma abordagem simplesmente tecnicista das identidades e que a partir das perspectivas dos teóricos esse é um tema de nuances, singulares, plurais e simbólicas. Destacamos também que há uma preocupação em

abordagens da vida e precarização do trabalho do jornalista apesar de esse ser uma categoria específica que está dentro do tema geral da identidade profissional.

Consideramos assim que na academia há espaço, sim, para essa abordagem da identidade profissional no jornalismo e que essa abordagem pode estender-se para o grupo de jornalistas negros que possuem especificidade em todas as suas construções históricas e sociais. Contribuindo então para que possamos cada vez mais descolonizar o conhecimento e dar visibilidade aos grupos que estruturalmente são constantemente invisibilizados.

Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal. **O Jornalista: do mito ao mercado**. Estudos de Jornalismo e Mídia, v. 2, n° 1, 2005.

AGNEZ, Luciane Fassarella. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**. Dissertação (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **A luta contra o racismo e a questão da identidade negra no Brasil**. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n. 1, jan.- jun. 2018, pp. 163-191.

BARROS, Ricardo Paes de. **Discriminação e segmentação no mercado de trabalho e desigualdade de renda no Brasil**. Brasília: Ipea, 2007.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

DUBAR, Claude. **Trajectoires sociales et formes identitaires. Clarifications conceptuelles et méthodologiques. Sociétés contemporaines**, n°29, 1998. pp. 73-85. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/socco_11501944_1998_num_29_1_1842#. Acesso em: 05 out. 2019.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas ‘estado da arte’**. In: Revista Educação e Sociedade, n° 79. Campinas: CEDES, 2002. p. 257-272.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. Salvador, 2003. 336 p.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adeline La Guardia Resende ... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Tim. **Retrato da imprensa em preto e branco**. Revista de Comunicação, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.12-13, 1985.

MUCCHIELLI, Alex. **L'identité**. 7^a. Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História**. Matrizes. USP, Ano 4, N^o 1, jul/dez/2010, p. 37-50, 2010. Disponível em: http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/157/pdf_188. Acesso em: 10 jan. 2011.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin. **Raça e gênero nas formações discursivas sobre a identidade profissional de jornalistas**. XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2014. Águas Claras, DF – 8 a 10/05/2014. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2014/resumos/R41-0380-1.pdf>>.

SANTOS, Raissa Nascimento. **Profissão, Identidade, Papel Social, Desafios Contemporâneos**. XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2014. João Pessoa, PB – 15 a 17/05/2014. 2014. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0360-1.pdf>>.